

Relatório: A Situação dos Marúbo do Rio Ituí em 1990

Apresentaremos um relato sucinto de nossas atividades em campo, salientando acontecimentos que presenciemos, situações que constatamos no Posto Vida Nova, atendido pelos missionários das Novas Tribos do Brasil e no decorrer da viagem.

1. Gravações do Vídeo

O trabalho de gravação na malocas Marúbo transcorreu normalmente, dentro das dificuldades já previstas, quando se atua em comunidades não acostumadas com equipamentos de filmagens. Apesar das barreiras lingüística e cultural estabeleceu-se um excelente entrosamento da Equipe com os Marúbo. Após este período e a familiaridade com os equipamentos, passaram a trabalhar em estreita colaboração conosco, sendo alguns, inclusive, incorporados nela. As temáticas a serem gravadas, eram explicadas previamente aos intérpretes e aos executores das ações.

As gravações finais foram prejudicadas, quando precisamos do apoio logístico da Base da FUNAI, em Atalaia do Norte, para que contratasse um barco, retirando-nos das cabeceiras do Rio Ituí. Depois de aguardarmos inutilmente o barco prometido, fretamos um precário batelão, pondo em risco os equipamentos de filmagem. Chegando ao PIA. Ituí/Rio Novo, encontramos dois regatões/madeireiros com os quais combinamos a continuação da viagem. Fretamos o barco de um deles. Por não ter energia elétrica, paralizamos as gravações, pois nosso gerador de luz também estragara em Vida Nova.

Os funcionários do Posto Indígena Ituí espalharam nas duas malocas Marúbo, que éramos filiados ao CIMI e depois, agentes da Polícia Federal. Estes boatos provocaram nossa saída e dos Marúbo de Vida Nova que nos trouxeram, da maloca de Estevão, do Rio Novo, afluente do Rio Ituí, da qual o dono é um funcionário da FUNAI. O clima de animosidade foi amenizado, graças a intervenção dos Marúbo da maloca de Paulo e de Lauro, que desfizeram os mal-entendidos, mas optamos pelo não retorno às malocas, apesar de autorizados.

2. Comercialização

O incidente que ocorreu nesta maloca Marúbo, prende-se ao fato do índio-funcionário e do regatão João Miguel

(que destez o compromisso de nos levar à cidade), temerem que denunciássemos a entrada deste na área indígena Matís, o qual tivera a anuência do Chefe e de funcionários do PIA. Ituí. Além de comprar madeira, os empregados do regatão estavam quase há um mês caçando no Rio Novo, cujas carnes e quelônios seriam vendidos em Atalaia do Norte e Benjamin Constant. Estivemos no IBAMA de Benjamin Constant colhendo informações sobre a comercialização de carne silvestre, procedente das áreas indígenas e comentamos sobre o que verificamos nos Matís (Veja anexo).

Na área dos Korúbo (índios arredios) foi grande o número de pescadores/caçadores, que encontramos durante a viagem de volta. Os barcos eram de médio e pequeno porte, mas com homens suficientes para pescarem ou caçarem com fartura, levando inclusive, vasilhames adequados para conservarem os peixes e salgarem as carnes.

Tanto os Marúbo como os Matís são explorados nas transações comerciais pelos regatões, que cobram preços baixos por seus produtos (madeira, seringa, farinha), em troca de mercadorias de preços caros ou ficando com saldo para ser pago na próxima safra, já desvalorizado monetariamente. Algo parecido acontece com funcionários da FUNAI que escoam os produtos da área indígena para serem vendidos nas cidades, demorando meses e até um ano para devolverem o dinheiro do pagamento. Outro tipo de espoliação realiza-se a nível de prestação de favores, como mostra a carta, em anexo, cujo remetente pediu que entregássemos à "FUNAI de Atalaia."

A situação econômica dos Marúbo das cabeceiras do Rio Ituí é crítica. O Chefe do PIA. Ituí impedindo a passagem de regatões para comprarem seus produtos e fornecer-lhes mercadorias (roupas, munições, sal, etc), não têm onde as adquirirem, pois as cantinas dos missionários não possuem tudo o que necessitam, além de serem caras por que são abastecidas de avião. A posse de um barco de 25 HP, de propriedade dos Marúbo, eliminaria a presença de regatões e de intermediários, e eles assumiriam a comercialização das toras de madeira-de-lei e branca, seringa, paneiros de farinha, milho (grãos e espigas), cachos de banana (têm grandes quantidades nas roças) e outros produtos cultivados ou silvestres (pupunha, açaf, buriti, etc).

Como solução paliativa, os Marúbo retornaram a transportar as placas de borracha, nas costas, ao Seringal Boa Fé, no Rio Juruá, o que já tinham feito há muitos anos atrás. A longa travessia de canoa e a pé, por homens e mulheres carregando os produtos e as mercadorias que lá compram ou em Cruzeiro do Sul, é cansativa, desgastante, mas sendo a maneira viável de comprar o que precisam. Não menos penosa é o transporte das toras de madeira, que vão de bubuia (levadas pela correnteza do rio cheio) até o PIA. Ituí. Lá são compradas por algum regatão autorizado ou pelo Chefe do Posto, por preços irrisórios. Este cerceamento provoca descontentamento nos índios e revolta contra a FUNAI, pois a enxergam também como mais um empecilho ao seu desenvolvimento e relacionamento com o mundo dos brancos.

3. Saúde

A Missão presta uma razoável assistência de saúde aos Marúbo, contando raramente com a colaboração da FUNAI, que lhe fornece medicamentos. A quantidade disponível é pouca, principalmente de antibióticos, para tratar doenças venéreas que estão bem propagadas no grupo. A gripe, a verminose e a tuberculose também exigem um constante consumo de remédios. A hospitalização de índios é uma dificuldade que a Missão enfrenta sem o auxílio da FUNAI. Um melhor entrosamento desta e a Missão no que diz respeito ao suprimento de medicações específicas e da cessão de leitos em hospitais, aproveitando os convênios da FUNAI, beneficiaria muitíssimo os Marúbo.

A situação de saúde dos Marúbo do Rio Novo e dos Matís do PIA. Ituí é mais precária e deficiente ainda, devido aos longos e constantes períodos de ausência do Chefe do Posto (que é também o próprio atendente de enfermagem) da área. Em ambos os locais não há um lugar adequado (enfermaria) para tratar os doentes e guardar os medicamentos, sendo que a casa do Chefe do PIA. Ituí está na eminência de ruir.

4. Alfabetização

As malocas próximas à Vida Nova beneficiam-se da educação bilíngüe ministrada pelos missionários, inclusive alguns adultos. As demais malocas carecem de assistência educacional. É grande o interesse dos adultos (e das crianças) de aprenderem a escrever e a falar o português, útil nas transações comerciais.

Se os missionários tivessem mais apoio da FUNAI, teriam condições de expandir o ensino a todas as malocas do Rio Ituí. O ideal seria que os missionários treinassem dois professores primários e índios-monitores em Vida Nova. Após o treinamento, os professores e os monitores deslocar-se-iam pelas malocas, difundindo os princípios da educação bilíngüe, uma vez que os Marúbo dominam a técnica de auto-alfabetização na língua materna.

5. Garimpo

Uma informação que preocupou a Equipe de gravação, foi a participação de um Marúbo do Posto Vida Nova e de alguns Matís na prospeção de garimpos, no Rio Itacoáí. Três garimpeiros procuraram minérios e pedras preciosas, dando inclusive um caco de ametista ao Marúbo para procurá-la na região e informar a localização de jazidas, quando retornassem em 1991. Consta-nos que não existem minérios na Área Indígena do Javari, mas seria prudente que a FUNAI de Brasília ficasse alerta quanto a possível invasão de aventureiros, que podem criar problemas, principalmente aos índios isolados.

6. Demarcação da Área Indígena

Chamou-nos atenção o modo como a FUNAI de Atalaia do Norte interpreta o Decreto de Interdição da Área Indígena do Javari, considerando-a apenas a partir da confluência do Rio Ituí com o Rio Novo, território Matis, ignorando o trecho dos Korúbo ou Caceteiros, localizado na boca do Rio Ituí com o Itacoai. Essa maneira de encarar a Área Indígena, permite a entrada de madeireiros e de seringueiros (contamos cerca de 17), que delapidam o patrimônio e provocam choques armados com os índios isolados, matando-os. Após o último ataque organizado por madeireiros da região, aos Korúbo, a quase dois anos, estes não apareceram mais nas margens dos rios, o que levanta a suspeita de sua lenta e persistente dizimação. Soubemos em fins de dezembro de 1990, que um madeireiro (que já participara do massacre) armou seis homens e partiram para extrair madeira no igarapé Lambança, afluente do Rio Itacoai, dispostos a matarem os índios que aparecessem no local.

Outro grupo que corre sérios riscos de sobrevivência física são os Flecheiros, do igarapé São José, afluente do Rio Itacoai. Periodicamente, ocorrem choques entre madeireiros e Flecheiros, pois sempre há notícias de conflitos sangrentos, quando se defrontam.

A fim de evitar atritos entre índios e regionais, a invasão de madeireiros e de seringueiros, e a presença de pescadores e de caçadores nas áreas indígenas, faz-se necessário uma atuação mais eficiente da FUNAI e uma agilização na demarcação do Parque. Ela não enfrentará grandes entraves, uma vez que os regionais têm conhecimento dos direitos territoriais assegurados às populações nativas.

As colocações aqui expostas têm o intuito de ajudar na solução dos problemas da região, que são sempre os mesmos, mas agravados com o transcorrer do tempo. Pretendemos prosseguir com as pesquisas de Antropologia Visual em áreas indígenas, em especial na Amazônia e gostaríamos de contar com a estreita colaboração e apoio da FUNAI, como o CPCE vem recebendo de outros órgãos governamentais, a fim de que todos se beneficiem com os resultados dos vídeos, especialmente, as sociedades indígenas.

Brasília, 31 maio de 1991.

Delvair Montagner